

“Sociedade tem que valorizar mais o trabalho doméstico”

LEANDRO COUTINHO



● A SOCIEDADE ESTÁ A MUDAR DE CICLO E TEM QUE HAVER UMA ADAPTAÇÃO NO EMPREGO E NA CASA DE CADA UM

Leandro Coutinho

● Os Eurodeputados Paulo Rangel e Francisco Assis fizeram parte do painel de debate da conferência sobre a “conciliação da família e do trabalho”, organizada pela União Geral dos Trabalhadores (UGT) e pela Associação Geral de Empresários e Gestores (ACEGE), que teve lugar no auditório da Biblioteca Municipal, no sábado.

Para uma melhor compreensão sobre o tema e o impacto que este tem nas sociedades atuais, Francisco Assis fez uma breve análise às alterações sociais e culturais ao longo dos últimos anos, que trouxe ao de cima a “igualdade de géneros, que é fundamental e imprescindível para este debate”.

“Portugal é um dos países ocidentais em que as mulheres mais participam no mercado de trabalho, ao contrário de muitos outros países europeus”, disse, acrescentando que “esta vontade de realização profissional e pessoal veio colidir com o modelo de organização económica, social e do trabalho, que não estava preparado para uma situa-

ção desta natureza, exigindo um conjunto de alterações”.

Algumas das alterações têm que acontecer imediatamente no seio de cada família. Ao contrário do que acontecia no passado, as funções dos elementos familiares deixaram de ser o homem a trabalhar no seu emprego e a mulher ficar a cuidar da casa. Neste momento, as mulheres têm mais ambições e estão bem integradas no mercado de trabalho, por isso, salientou o ex-presidente do Grupo Parlamentar do PS, “o homem tem que ajudar e ter uma maior participação na vida doméstica. A igualdade de género é indispensável e tem que ser implementada”.

Do outro lado do painel, Paulo Rangel, advogado e antigo presidente do Grupo Parlamentar do Partido Socialista Democrata, deu a conhecer a sua opinião, que ia de encontro ao que anteriormente havia sido dito. Para fundamentar o seu ponto de vista, o eurodeputado lembrou os tempos em que desempenhou funções de direção num escritório, em que “as pessoas mais competentes

que lá trabalhavam eram duas mulheres, em que uma tinha quatro filhos e outra três filhas”, disse, enaltecendo o bom desempenho destes dois elementos. Mas levantou a questão: “como é possível esta conciliação, sem que cometessem falhas e tivessem um desempenho tão bom?” A resposta, dada igualmente por ele, foi simples. “Enquanto elas estavam no local de trabalho, às vezes ao longo da noite, os companheiros contribuíam em casa com o desempenho das funções domésticas”.

Este foi um exemplo dado para que houvesse uma maior compreensão sobre a importância do equilíbrio entre as funções em que cada elemento familiar tem que desempenhar e como é saudável a igualdade de género. Mas a compreensão por parte do empregador também é fulcral, pois “se estas pessoas trabalhavam até mais tarde e aos fins de semana, também havia compreensão por parte da entidade empregadora para que elas se ausentassem por motivos pessoais ou por questões familiares”, salientou, Paulo Rangel.



FRANCISCO ASSIS
DEPUTADO EUROPEU

“Estamos a mudar de ciclo. O trabalho doméstico deve ser contabilizado como trabalho”



PAULO RANGEL
DEPUTADO EUROPEU

“A minha mãe era doméstica, mas em casa trabalhava muito mais do que quem cumpria horários num emprego”



NATANIEL ARAÚJO
PRESIDENTE
DA UGT-VILA REAL

“Queremos que as pessoas percebam que estamos presentes para debater problemas impactantes no quotidiano”

Para que o concílio entre a família e o trabalho seja possível tem que haver um esforço muito grande por todos os intervenientes, quer sejam direta ou indiretamente, ou seja, se os pais trabalham nos seus empregos também têm que trabalhar em sintonia em casa. Em termos estritamente profissionais a compreensão sobre a realidade também tem que ser abrangente e bem filtrada, pois “um funcionário fica muito contente porque o patrão lhe deu um telemóvel, mas não percebe que essa é a

forma mais fácil de estar em contacto com ele para o pôr a trabalhar”, exemplificou, não esquecendo a outra parte envolvida. “E da parte do empregador, tem que haver a noção dos direitos das pessoas que colaboram com ele. Tem que ter a noção que enviar trabalhos ou conteúdos profissionais fora do horário de trabalho e quando as pessoas estão com as famílias é assédio moral e não o podem fazer. Têm que ter respeito pelo tempo de descanso e familiar de cada um”.

À VTM, Nataniel Araújo,

presidente da UGT Vila Real, enalteceu a importância deste encontro referindo que pretende “mobilizar as pessoas para um debate sobre um tema relevante no seu quotidiano, pois cada vez menos as pessoas têm tempo para a família e as questões laborais também têm que ser repensadas”. Para uma maior eficácia, a escolha do painel foi de extrema importância, já que “tivemos o cuidado de escolher as melhores pessoas para debater este tema, pois são relevantes na sociedade e têm impacto na política nacional e europeia”, reforçou.